

Capítulo

1

Filosofia e filosofia da educação



Neste capítulo introdutório veremos o que representa a reflexão filosófica no campo das indagações sobre a educação. Dizemos introdutório porque aqui alinhavaremos os primeiros vetores que serão desenvolvidos ao longo deste livro.

Para começar, um pensamento do filósofo espanhol Fernando Savater: "Filosofamos partindo do que sabemos para o que não sabemos, para o que parece que nunca poderemos saber totalmente; em muitas ocasiões filosofamos *contra* o que sabemos, ou melhor, repensando e questionando o que acreditávamos já saber. Então nunca podemos tirar nada a limpo? Sim, quando pelo menos conseguimos *orientar* melhor o alcance de nossas dúvidas ou de nossas convicções. Quanto ao mais, quem não for capaz de viver na incerteza fará bem em nunca se pôr a pensar"¹.

« O mestre (talvez Euclides?)
ensina geometria, sob o
olhar atento dos jovens.
Este gesto milenar é objeto
de estudo não só da
pedagogia, mas também
do filósofo, que acompanha
reflexiva e criticamente a
ação educativa.

¹ *As perguntas da vida*. São Paulo, Martins Fontes, 2001, p. 210.

1. Diferentes olhares

Podemos olhar o mundo e a nós mesmos de diversas perspectivas: do mito, da religião, do senso comum, da ciência, da arte e da filosofia. Essas abordagens compreensivas da realidade não se excluem necessariamente, mas coexistem no nosso cotidiano: um cientista, com elaborado conhecimento numa área específica (por exemplo, a física), não deixa de usar o senso comum na vida cotidiana quando, empiricamente, educa seu filho ou, ainda, ao recorrer à filosofia para analisar os fundamentos de sua ciência; uma pessoa religiosa aproxima-se de Deus pela fé, mas também busca na filosofia a justificação racional da existência de Deus; o mesmo acontece com o artista, cuja percepção sensível do mundo coexiste com as demais maneiras de conhecer.

No entanto, conforme a época ou o lugar, pode haver variação da ênfase que se dá a alguma dessas abordagens. É o que veremos a seguir.

O mito

O mito é um tipo de compreensão intuitiva da realidade. Entendemos por intuição um conhecimento imediato, que dispensa argumentos e fundamentações. Bastam as crenças, sem que se exija daquele que crê a compreensão plena dos mistérios: estes são aceitos sem discussão, transmitidos pela tradição cultural, muitas vezes com forte apelo ao sobrenatural, isto é, à origem divina dos fenômenos.

Entre os povos tribais, o mito constitui uma estrutura dominante, porque abarca as demais abordagens, fecundando todo o pensar, o agir e o valorar. Ou seja, por acreditar na atuação constante dos deuses, o mito primitivo ritualiza todas as atividades: os instrumentos úteis e as manifestações artísticas têm características mágicas;

o mesmo ocorre com o plantio e a colheita, a caça, a guerra, as relações entre os indivíduos (nascer, tornar-se adulto, casar, morrer), a explicação da origem do universo, os valores aceitos. Em suma, no mundo primitivo tudo é mito e tudo se faz por magia.

Quando as relações sociais começam a se tornar mais complexas, muitas vezes devido ao incremento do comércio, o contato com outros povos e o confronto com costumes diversos produzem uma racionalidade mais elaborada e crítica que reduz o poder do mito, restringindo-o a alguns setores da vida da comunidade, sobretudo no campo religioso.

À medida que o mito deixa de ser uma compreensão abrangente do real, o conhecimento se seculariza, isto é, torna-se predominantemente profano, "do mundo". Pode-se então falar de um saber menos mítico e mais racional, bem como de um agir menos mágico e mais técnico, ambos — pensamento e ação — orientados pela experiência de vida.

É preciso ressaltar que o desenvolvimento do pensamento reflexivo não decreta a morte da consciência mítica, porque o mito, mesmo entre os povos ditos civilizados, ainda ocupa lugar de destaque como modo fundamental de todo viver humano. Em outras palavras, tudo o que pensamos e queremos se situa inicialmente no horizonte da imaginação, nos pressupostos míticos, cujo sentido existencial serve de base para o trabalho posterior da razão.

Caberá, porém, a cada um de nós distinguir os mitos que são destrutivos daqueles outros que embalam nossos sonhos e que nos são oferecidos pela religião, pela literatura, pelos ideais políticos e que mobilizam nossas convicções mais íntimas. Como exemplo dos primeiros, lembramos os mitos da "raça pura" que desencadearam as perseguições nazistas e embalaram gerações na crença cega no poder de um *fuhrer* (aquele que conduz).

O senso comum

Chamamos de *sensu comum* o conhecimento herdado por um grupo social, cujas experiências fecundas continuam sendo levadas a efeito pelos indivíduos da comunidade. Não se trata de um conhecimento inferior, como alguns poderiam supor, desde que as pessoas saibam reelaborar a herança recebida, transformando o senso comum em *bom senso*.

O senso comum é fragmentário, difuso, ametódico e assistemático e, como tal, em um primeiro momento, o que é herdado não é questionado. Caberá ao bom senso retomar criticamente os saberes e valores recebidos, para adequá-los ou transformá-los a partir da análise das novas situações vividas. Nesse sentido, o bom senso não depende de erudição ou “estudo”, mas da sabedoria pela qual conseguimos dar um sentido humano à vida e ao nosso destino.

No entanto, como veremos no capítulo 5, nem sempre é possível criticar o saber comum, sobretudo nas sociedades em que persiste a dominação ou a exploração de um grupo sobre o outro. Nesses casos, aquilo que se entende por senso comum na verdade não passa de ideologia, de imposição de ideias e valores que garantem os interesses de classe.

A ciência

A ciência é uma conquista relativamente recente da humanidade. Surgiu no século XVII, quando Galileu estabeleceu as bases de um revolucionário método científico que transformou a física e a astronomia vigentes desde a Antiguidade grega em ciências modernas. Daí em diante, com o recurso da experimentação e da matematização, foi possível aos cientistas delimitar os objetos estudados e descobrir regularidades nos fenômenos observados, estabelecendo leis ge-

rais e teorias. As consequências de um saber tão rigoroso e elaborado não demoraram a se fazer sentir, com as transformações tecnológicas que mudaram a face do mundo.

O sucesso da ciência e da tecnologia, porém, não justifica a supervalorização da ciência e a exclusão de outros tipos de conhecimento. Embora rigoroso e eficaz, o conhecimento científico é apenas uma das maneiras de compreensão da realidade. Além disso, a ciência reduz nossa experiência do mundo, que se constitui também de intuições, imaginação, crenças, emoções e afetividade. Basta lembrar que a religião e a arte são também maneiras válidas e fortes de compreensão de si e do mundo.

A arte

Havíamos dito que o mito é um tipo de compreensão intuitiva da realidade e, sob esse aspecto, destacamos o prevaletimento da crença, da fé sobre a argumentação racional. No entanto, também a arte constitui um entendimento intuitivo do mundo, no sentido de não recorrer a conceitos logicamente organizados, mas por usar recursos que “falam” ao sentimento e à imaginação. Por meio de objetos concretos, o artista intui a realidade de modo original, provocando também naquele que frui a obra de arte (igualmente por meio de seus sentidos) uma nova interpretação da experiência vivida (ver capítulo 11).

A imaginação é a mediadora entre o vivido e o pensado, mas esse pensamento é de natureza analógica. Ou seja: “A imaginação, ao tornar o mundo presente em imagens, nos faz pensar. Saltamos dessas imagens para outras semelhantes, fazendo uma síntese criativa. O mundo imaginário assim criado não é irreal. É, antes, pré-real, isto é, antecede o real porque aponta suas possibilidades em vez de fixá-lo numa forma cristalizada. Por isso, a imaginação

alarga o campo do real percebido, preenchendo-o de outros sentidos”².

A filosofia

Por ser o assunto principal deste capítulo, analisaremos a seguir, de modo mais atento, o que entendemos por *filosofia* e em que medida ela pode nos ajudar a compreender o fenômeno da educação e da pedagogia.

2. O processo do filosofar

É comum usarmos a expressão *filosofia de vida* para designar uma certa sabedoria que permeia as reflexões de todas as pessoas. Portanto, mesmo sem saber muito claramente o que é filosofia, reconhecemos que “filosofamos” nas mais diversas circunstâncias, não apenas nas mais graves, quando um acidente nos faz parar para pensar na fragilidade e finitude da vida, mas também em situações cotidianas, quando indagamos, por exemplo, se vale a pena continuar em um emprego só porque temos um bom salário, embora não estejamos felizes nele; se devemos ou não dar propinas para apressar um procedimento burocrático; se a corrupção é inerente ou não à atuação dos políticos; se a existência de ricos e pobres é um fato natural ou se vale a pena lutar pela igualdade de condições na sociedade; se a mentira é detestável ou se há mentiras “piedosas”; se a arte é dispensável ou necessária, e assim por diante.

Embora no dia a dia sejamos capazes de elaborar uma filosofia de vida, a reflexão do filósofo especialista é muito diferente, pelo fato de ele conhecer a tradição dos pensadores, debater com os teóricos do seu tempo e criar conceitos, de maneira metódica, rigorosa e sistemática. Mas o que seria esse pensar

do filósofo? Nos poucos exemplos dados no parágrafo anterior, podemos perceber como é amplo o campo de indagação da filosofia.

Na verdade, a filosofia pode ter por objeto de reflexão qualquer tema. Mas o mesmo tema tratado pela ciência, pela religião, pela arte etc. merece do filósofo um outro olhar. Até porque não se pode dizer que a filosofia seja um conhecimento, pelo menos do tipo do senso comum ou da ciência. Ela é mais a atitude de colocar em questão o que parece para muitos indiscutível, seja porque eles têm “certezas”, seja porque estão acostumados com aquilo que lhes parece “banal”. Por aí podemos ver que o filósofo desestabiliza certezas e questiona o que é convencional. Não por acaso, para Platão, a primeira virtude do filósofo é *admirar-se*. Essa é a condição para problematizar, o que marca a filosofia não como posse da verdade, mas como sua busca. Sob esse aspecto, se o filósofo é capaz de se surpreender com o óbvio e questionar as verdades dadas, aceita a dúvida como desencadeadora desse processo crítico.

A filosofia não oferece um corpo acabado de conhecimentos, tampouco o filósofo detém um saber que o coloca acima de todos. A filosofia se insere na história, e os temas com que se ocupa mudam de acordo com os problemas que precisa enfrentar e que exigem esse tipo de reflexão. Vejamos então o que caracteriza a reflexão filosófica. Examinemos a palavra *reflexão*: *reflectere*, em latim, significa “fazer retroceder”, “voltar para trás”, “recurvar”. Refletir é, portanto, retomar o próprio pensamento, pensar o já pensado, voltar para si mesmo e colocar em questão o que já se conhece.

Segundo o professor Dermeval Saviani, a reflexão propriamente filosófica é radical, rigorosa e de conjunto³.

² M. Lúcia de Arruda Aranha e M. Helena Pires Martins, *Filosofando: introdução à filosofia*. 3. ed. São Paulo, Moderna, 2003, p. 374.

³ *Educação brasileira: estrutura e sistema*. São Paulo, Saraiva, 1973, p. 68.

A filosofia é *radical* porque sua reflexão busca as *raízes* da questão: do latim *radix, radicis*, “raiz”, e, no sentido derivado, “fundamento”, “base”. Portanto, a filosofia é radical por explicitar os fundamentos do pensar e do agir. No momento em que o matemático se pergunta o que é o número ou qual a validade da demonstração geométrica, passa a investigar a raiz do seu saber e, nesse caso, faz filosofia da matemática. Do mesmo modo, como veremos adiante, ao questionarmos os fundamentos da educação, fazemos filosofia da educação.

A filosofia é *rigorosa* porque, enquanto a filosofia de vida não leva suas conclusões até as últimas consequências, o filósofo especialista dispõe de um método claramente explicitado que permite proceder com rigor, garantindo a coerência e o exercício da crítica. Para justificar suas afirmações com argumentos, usa de uma linguagem rigorosa que define os conceitos, evitando a ambiguidade típica das expressões cotidianas. Para aprimorar essa linguagem, o filósofo inventa conceitos, cria expressões novas ou altera e especifica o sentido de palavras usuais. O que torna a reflexão filosófica rigorosa varia conforme a *orientação metodológica* de cada filósofo e as tendências históricas decorrentes da situação vivida na ação humana sobre o mundo.

A reflexão filosófica é *de conjunto* por ser globalizante, ao examinar os problemas na perspectiva do todo, relacionando os seus diversos aspectos. Enquanto os demais saberes se ocupam com “recortes” da realidade — incluindo aí as diversas ciências —, a filosofia, além de poder examinar tudo (porque nada escapa ao seu interesse), também visa ao todo, à totalidade. Daí sua função de interdisciplinaridade, que permite estabelecer o elo entre os diversos tipos do saber e do agir humanos. Vol-

taremos a esta questão no próximo item, ao retomarmos a relação entre filosofia e ciência.

Após essas considerações, talvez reste uma dúvida, uma vez que a reflexão e o pensamento crítico não são prerrogativas apenas do filósofo, podendo ser atribuídos também a diversas atividades intelectuais do ser humano. O que, portanto, seria específico da reflexão filosófica, além do já indicado anteriormente? Resta-nos esclarecer melhor a distinção pela qual a filosofia não quer *explicar* a realidade — função que compete à ciência —, mas *compreendê-la*. E a compreensão supõe a busca do *sentido* das coisas e da vida.

O poeta francês Paul Claudel assim se refere ao tempo e ao sentido: “O tempo é o sentido da vida (*sentido*: do mesmo modo que se fala do sentido de um rio, do sentido de uma frase, do sentido de um tecido, do sentido do olfato)”. O que podemos entender por essa expressão poética?

Primeiramente, que o conceito de *sentido* se refere: a) à *sensação*, como os sentidos da visão, do olfato, do paladar, da audição, do tato; b) à *direção*, como o sentido de um rio, dos fios de um tecido, da meta que desejamos atingir quando caminhamos etc.; c) à *significação*, ou seja, ao sentido de uma frase, de um gesto, de um comportamento. E também que não entendemos o ser humano, o mundo, a vida, fora de sua temporalidade. Portanto, ao dar sentido ao mundo, a compreensão humana o intui na sua continuidade, em que o presente dá sentido ao passado e projeta o futuro. Nesse processo de construção do vivido, criamos o que “ainda não é”, orientamo-nos para o que “pode vir-a-ser” (consultar a leitura complementar 2, adiante).

Fique claro, porém, que não existe “a filosofia” e sim “filosofias” que desafiam ao longo do tempo a busca dos sentidos,

mesmo quando as leituras banais dos fatos resistem às interpretações mais radicais ou quando se teme mergulhar em incertezas. Mais ainda, essas “filosofias” não são corpos acabados de conhecimento, mas exercícios do filosofar.

A esse respeito, lembremos uma citação bastante conhecida do filósofo Immanuel Kant: “... não é possível aprender qualquer filosofia; pois onde se encontra, quem a possui e segundo quais características se pode reconhecê-la? Só é possível aprender a filosofar, ou seja, exercitar o talento da razão, fazendo-a seguir os seus princípios universais em certas tentativas filosóficas já existentes, mas sempre reservando à razão o direito de investigar aqueles princípios até mesmo em suas fontes, confirmando-os ou rejeitando-os”¹.

3. Origem da filosofia

A filosofia ocidental surgiu na Grécia, por volta dos séculos VII e VI a.C. Antes da filosofia predominava o pensamento mítico, sobretudo representado pelas epopeias de Homero (*Iliada* e *Odisseia*) e a *Teogonia* de Hesíodo. A grande aventura intelectual não começou propriamente na Grécia continental, mas nas colônias gregas: Jônia (metade sul da costa ocidental da Ásia Menor) e Magna Grécia (sul da Península Itálica e Sicília). Esse novo tipo de reflexão foi chamado de *filosofia* por Pitágoras, matemático e um dos primeiros pensadores, que não ousou atribuir a si mesmo a denominação de “sábio” (*sophos*), mas de “amigo da sabedoria” (*philos* + *sophos*).

Desse modo, os gregos dessacralizaram a natureza ao inventar conceitos e ao estimular o debate argumentativo. Aliás, o helenista Jean-Pierre Vernant diz que “a

filosofia é filha da cidade”, justamente porque na pólis grega se desenvolveu o gosto pela discussão em praça pública, o que fez nascer a reflexão sobre a política.

Os primeiros filósofos denominados *pré-socráticos* — por anteciparem a filosofia do período clássico representada por Sócrates, Platão e Aristóteles — começaram a teorizar sobre o universo e a natureza, ao procurar racionalmente o princípio (os fundamentos) de todas as coisas.

No período clássico da filosofia grega, ampliaram-se os temas de discussão, não mais apenas cosmológicos, como antes, para assuntos de ética, política, estética, teoria do conhecimento. O filósofo grego também era de certa forma um “cientista”, um sábio que refletia sobre todos os setores da indagação humana. Ao abordar a física, a astronomia, a biologia, em suma, todo o saber de seu tempo, Aristóteles estabeleceu uma íntima ligação entre filosofia e ciência. Esse procedimento persistiu durante toda a Antiguidade e também na Idade Média, uma vez que o pensamento de Platão e depois o de Aristóteles foram adaptados à visão cristã do mundo medieval.

Após a revolução científica do século XVII, porém, ocorreu a separação entre filosofia e ciência. Lentamente, até o século XIX, foram se constituindo os métodos das chamadas *ciências particulares* — física, astronomia, química, biologia, psicologia, sociologia etc. —, delimitando campos específicos de pesquisa. Deu-se então a especialização do saber, cada ciência ocupando-se com seu objeto específico.

Diante da separação entre filosofia e ciência, a primeira pergunta versa sobre o que restaria à filosofia se, ao longo do tempo, ela foi “esvaziada” de seu conteúdo. No século XX, até as questões referentes

¹ *Crítica da razão pura*, v. I. São Paulo, Abril Cultural, 1980, p. 407-408.

ao ser humano foram apropriadas pelas ciências humanas. Ora, a filosofia continua tratando do mesmo objeto abordado pelas diversas ciências. Mas, enquanto cada cientista se especializa em “recortes” do real, o filósofo jamais renuncia a considerar o objeto do ponto de vista da totalidade. Como vimos no item anterior, a filosofia busca uma visão de conjunto, ou seja, não examina o problema de modo parcial, mas em uma perspectiva que relacione cada aspecto com os demais, no contexto em que se encontra inserido. Portanto, a realidade fragmentada pelo saber especializado de cada ciência particular merece da filosofia um outro olhar que possibilite a reflexão crítica e global a respeito do saber e da prática humanos.

Exemplificando: os físicos e químicos reduzem seu campo de pesquisa aos fenômenos físicos e químicos, mas já estão fazendo filosofia quando se perguntam o que garante a suas experiências a denominação de científicas, se o método científico é adequado ou não para conhecer os fenômenos que investiga, qual a dimensão de verdade das construções de razão que são as teorias, e assim por diante. O mesmo se dá com o psicólogo que aborda o conceito de liberdade: indagar se o ser humano é livre ou determinado já é fazer filosofia. Assim, em todos os setores do conhecimento e da ação, a filosofia está presente como reflexão crítica a respeito dos fundamentos desse conhecimento e desse agir. A partir da análise das relações sociais resultantes da divisão do trabalho fornecida pelas ciências sociológicas, o filósofo pode questionar, por exemplo, o que o trabalho significa para os indivíduos, tanto como instrumento de realização humana, como de alienação.

No desenrolar deste livro, veremos como os filósofos usaram este outro olhar para refletir sobre a educação e a pedagogia.

4. Áreas da investigação filosófica

Considerando que a filosofia tem por objeto a reflexão sobre todas as coisas, mas a partir de um modo reflexivo que lhe é peculiar, veremos neste item quais os possíveis campos em que os filósofos têm se debruçado. É evidente que, dependendo da época, alguns enfoques tiveram prioridade, de modo que, se de um lado pode ter havido restrição, não do interesse pela totalidade, mas devido à preferência de alguns tipos de reflexão, por outro lado surgiram novos campos de investigação filosófica.

Por exemplo, os primeiros filósofos, chamados de *pré-socráticos*, investigavam os fundamentos da natureza, buscando a *arché*, o princípio fundador de todas as coisas, e restringiam-se, portanto, à reflexão cosmológica. Na época clássica da filosofia grega, esse interesse se expandiu de modo vigoroso, sobretudo no sistema filosófico aristotélico, abrangendo os mais diversos campos do saber. Bem mais tarde, a revolução científica iniciada no século XVII provocou o desligamento das ciências do corpo da filosofia, o que levou ao desvio do foco para as questões epistemológicas. No século XVIII, Kant deu um golpe de morte na metafísica ao declarar a impossibilidade de conhecer os princípios e fundamentos últimos de toda a realidade, o que não quer dizer, porém, que alguns filósofos tenham deixado de ser metafísicos. Atualmente tem sido grande o interesse pela filosofia da linguagem.

Essa advertência inicial tem a intenção de mostrar que esses campos de reflexão não surgiram de uma vez por todas e que também se modificaram no tempo, além de que os filósofos sempre estão propondo novas áreas de indagação, dependendo dos problemas a serem enfrentados.

De modo geral, mas não como uma classificação definitiva, podemos distinguir os seguintes campos³ da investigação filosófica:

- *Lógica* (do grego *logos*, “razão”, “teoria”; mais primitivamente, “palavra”) — Investiga as condições da validade dos argumentos e dá as regras do pensamento correto. A *lógica clássica* ou *lógica formal* é a que remonta a Aristóteles. No final do século XIX começaram os estudos relativos à *lógica simbólica* ou *matemática*, que adota uma linguagem artificial, mais rigorosa. Há ainda outras lógicas, além dessas.

- *Metafísica* (do grego *meta*, “além de”) — Também conhecida como *ontologia*, estuda o “ser enquanto ser”, isto é, o ser independentemente de suas determinações particulares; estudo do ser absoluto e dos primeiros princípios. Era chamada por Aristóteles de *filosofia primeira*, porque fornece a todas as outras o fundamento comum, isto é, o objeto ao qual todas se referem e os princípios dos quais dependem, e estuda os seres imateriais como a essência do universo, a existência da alma e de Deus. A metafísica moderna teve seu campo reduzido, à medida que muitos de seus assuntos passaram para outros campos da reflexão filosófica, como a teoria do conhecimento.

- *Teoria do conhecimento* — Estuda as relações entre sujeito e objeto no ato de conhecer. Por exemplo, como apreendemos o real, se o conhecimento deriva principalmente de nossas sensações, se existem ideias anteriores a qualquer experiência, se é possível ou não conhecer a realidade, as noções de verdade e falsidade etc. Também chamada *gnosologia* e *epistemologia*, esta última quando abrange as questões sobre o conhecimento científico.

- *Epistemologia* (do grego *episteme*, “ciência”) — Estuda o conhecimento científico do ponto de vista crítico, isto é, do valor de suas hipóteses, do seu método, das conclusões alcançadas, da sua natureza; também chamada *filosofia das ciências* e *teoria do conhecimento científico*.

- *Antropologia* (do grego *anthropos*, “homem”) — Investiga a concepção de ser humano, ou seja, a partir do que o ser humano é, reflete sobre aquilo que se pensa que ele deva ser. Distingue-se da antropologia científica, que estuda as diferentes culturas existentes.

- *Axiologia* (do grego *axios*, “digno de”, “o que vale”) — Também chamada *filosofia dos valores*, reflete sobre a natureza e as características do valor. Os juízos de valor podem ser de vários tipos: éticos, estéticos, políticos, religiosos, pragmáticos etc.

- *Filosofia política* (do termo grego *politiké*, derivado de *polis*, “cidade”) — Reflexão sobre as relações de poder entre os cidadãos, a sociedade e o Estado; a avaliação das formas de regimes políticos; os fins da política; a violência.

- *Ética* (do grego *ethos*, “costume”) — Também chamada *filosofia moral*, reflete sobre as noções, os princípios e os fins que fundamentam a vida moral; o que são o bem e o mal, a liberdade etc. A *moral* (do latim *mos, moris*) é o conjunto de regras de conduta assumido livre e conscientemente pelos indivíduos, com a finalidade de organizar as relações interpessoais segundo os valores do bem e do mal.

- *Estética* (do grego *aisthesis*, “faculdade de sentir”, “compreensão pelos sentidos”) — Também chamada *filosofia da arte*, reflete sobre a arte e o sentimento que as obras de arte despertam nos seres humanos; a produção e a recepção estética da obra de arte. Analisa criticamente o belo e o feio.

³ Sugerimos consultar os verbetes correspondentes aos conceitos indicados no Vocabulário, no final do livro.

• *Filosofia da linguagem* — Reflexão sobre a linguagem como elemento estruturador que explica a relação do ser humano com a realidade; a natureza da linguagem; os sentidos dos signos e proposições linguísticas etc. Há várias correntes teóricas: filosofia analítica da linguagem, semiótica, positivismo lógico, teoria linguística, hermenêutica, entre outras.

• *Filosofia da educação* — Reflexão sobre a educação e a pedagogia. Investiga o ser humano que se quer formar, os valores emergentes que se contrapõem a outros, já decadentes, e os pressupostos do conhecimento subjacentes aos métodos e procedimentos utilizados.

Essa lista poderia ter continuidade, mas nos restringiremos a chamar a atenção para o fato de que os campos da reflexão filosófica — inclusive os já enunciados — indicam de fato as inúmeras “*filosofias de*”: filosofia da religião, filosofia da filosofia, filosofia de cada uma das ciências (filosofia da matemática, filosofia da história, filosofia do direito etc.).

5. Filosofia da educação

Assim como as demais ciências nasceram no bojo da reflexão filosófica, também a pedagogia se achava intimamente ligada à filosofia, já que os filósofos também discutiam sobre a educação. Ao se desprender dela, a pedagogia organizou seu próprio espaço de pesquisa, o que começou a ocorrer de maneira mais sistemática na Idade Moderna.

Se a filosofia é uma reflexão radical, rigorosa e de conjunto que se faz a partir dos problemas propostos pelo nosso existir, é inevitável que entre esses problemas estejam os que se referem à educação.

Portanto, cabe ao filósofo acompanhar reflexiva e criticamente a ação pedagógica, de modo que promova a passagem “de uma educação assistemática (guiada pelo senso comum) para uma educação sistematizada (alçada ao nível da consciência filosófica)”⁶.

A partir da análise do contexto vivido, o filósofo indaga a respeito do ser humano que se quer formar, sobre os valores emergentes que se contrapõem a outros, já decadentes, e sobre os pressupostos do conhecimento subjacentes aos métodos e procedimentos utilizados. Como se vê, destacamos aí os três aspectos que serão objeto de estudo nos capítulos da unidade III. Veremos então as indagações da antropologia filosófica (o que é o ser humano), da epistemologia (teoria do conhecimento) e da axiologia (reflexão sobre os valores), e como as respostas variam conforme a época e, com elas, as concepções que se tem de como educar e para que educar.

Cabe à filosofia, entre outras coisas, examinar a concepção de humanidade que orienta a ação pedagógica, para que não se eduque a partir da noção abstrata e atemporal de “criança em si”, de “ser humano em si”, tal como a que persistiu na concepção essencialista de educação (ver capítulo 9). Do mesmo modo, não há como definir objetivos educacionais se não tivermos clareza dos valores que orientam nossa ação. O filósofo deve avaliar os currículos, as técnicas e os métodos para julgar se são adequados ou não aos fins propostos sem cair no tecnicismo, risco inevitável sempre que os meios são supervalorizados e se desconhecem as bases teóricas do agir.

Diante do avanço das ciências humanas, alguém talvez argumente que a filosofia da educação terá seu campo bastante restringido. Embora sejam importantíssimas as conquistas da psicologia, da sociologia, da

⁶ Dermeval Saviani, *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. São Paulo, Cortez, 1980, p. 54.

história, da linguística e de outras ciências, à filosofia estão reservadas tarefas bastante específicas, que não podem ser desprezadas.

Além das análises antropológicas, axiológicas e epistemológicas já referidas, a filosofia tem a função de *interdisciplinaridade*, pela qual estabelece a ligação entre as diversas ciências e técnicas que auxiliam a pedagogia. Por exemplo, é a análise filosófica que permite refletir a respeito do risco que representam os “ismos”, ou seja, a preponderância de determinada ciência na análise dos fenômenos pedagógicos (o psicologismo, o sociologismo, o economicismo etc.), como veremos no próximo capítulo.

Ao manter sempre presente o questionamento sobre o que é a educação, a filosofia busca evitar que ela se torne dogmática ou se transforme em adestramento. Por isso é

necessário que a formação do pedagogo esteja voltada não só para o preparo técnico-científico, mas também para a fundamentação filosófica de sua atividade.

Conclusão

Vivemos em um mundo pragmático, voltado para as coisas práticas, para a eficácia e as soluções imediatistas. Por isso, com suas indagações intermináveis, nem sempre se compreende por que a filosofia é importante. Contudo, ela é necessária. E, se desejamos desenvolver nossa humanidade e a das novas gerações, pela educação, ela é um tipo de reflexão inevitável.

A intenção deste livro é discutir sobre caminhos possíveis pelos quais os futuros educadores possam filosofar sobre a educação.

Dropes

1 - Quando se deu a passagem do mundo mítico para a consciência filosófica, apareceram os primeiros sábios, *sophos*, como se diz em grego. Um deles, chamado Pitágoras (século VI a.C.) — também conhecido como matemático —, usou pela primeira vez a palavra *filosofia* (*philos* + *sophia*), que significa “amor à sabedoria”. É bom observar que a própria etimologia mostra que a filosofia não é puro logos, pura razão: ela é a procura amorosa da verdade.

2 - (...) uma última palavra aos que temem a ditadura da razão: é tempo de arquivar de uma vez por todas a máxima obscurantista de que “cinzenta é toda teoria, e verde apenas a árvore esplêndida da vida”. Ela só pode

ser sustentada, paradoxalmente, pelas naturezas não passionais, insensíveis ao erotismo do pensar. Quem, lendo um poema de Drummond, um livro de Tolstói ou um tratado de Hegel, acha que está se afastando da vida, não começou ainda a viver. Sem pensamento, a vida não é verde: é cinzenta. A vida do pensamento é uma parte integrante da verdadeira vida. Não é a razão que é castradora, e sim o poder repressivo, que deriva sua solidez da incapacidade de pensar que ele induz em suas vítimas. O fascismo se implantou através da difusão de uma ideologia vitalista reacionária, que proclamava o primado dos instintos vitais sobre a razão, e com isso inutilizou a razão, o único instrumento que permitiria desmascará-lo como a negação absoluta da vida. (Sérgio Paulo Rouanet)

● Leituras complementares

① [Filosofar]*

Filosofar não deveria ser sair de dúvidas, mas entrar nelas. É claro que muitos filósofos — e até dos maiores! — cometem às vezes formulações peremptórias que dão a impressão de já ter encontrado respostas definitivas às perguntas que nunca podem nem devem “fechar-se” por inteiro intelectualmente (...). Vamos agradecer-lhes suas contribuições, mas não seguir seus dogmatismos. Há quatro coisas que nenhum bom professor de filosofia deveria esconder de seus alunos:

- *primeira*, que não existe “a” filosofia, mas “as” filosofias e, sobretudo, o filosofar: “A filosofia não é um longo rio tranquilo, em que cada um pode pescar sua verdade. É um mar no qual mil ondas se defrontam, em que mil correntes se opõem, se encontram, às vezes se misturam, se separam, voltam a se encontrar, opõem-se de novo... cada um o navega como pode, e é isso que chamamos de filosofar”⁷. Há *uma* perspectiva filosófica (em face da perspectiva científica ou da artística), mas felizmente ela é multifacetada;

- *segunda*, que o estudo da filosofia não é interessante porque a ela se dedicaram talentos extraordinários como Aristóteles ou Kant, mas esses talentos nos interessam porque se ocuparam dessas questões de amplo alcance que são tão importantes para nossa própria vida humana, racional e civilizada. Ou seja, o empenho de filosofar é muito mais importante do que qualquer uma das pessoas que bem ou mal se dedicaram a ele;

- *terceira*, que até os melhores filósofos disseram absurdos notórios e cometeram erros graves. Quem mais se arrisca a pensar fora dos caminhos intelectualmente trilhados corre mais riscos de se equivocar, e digo isso como elogio e não como censura. Portanto, a tarefa do professor de filosofia não pode ser apenas ajudar a compreender as teorias dos grandes filósofos, nem mesmo contextualizadas em sua devida época, mas sobretudo mostrar como a inteligência correta dessas ideias e raciocínios pode nos ajudar hoje a melhorar a compreensão da realidade em que vivemos. A filosofia não é um ramo da arqueologia e muito menos simples veneração de *tudo* o que vem assinado por um nome ilustre. Seu estudo deve nos render alguma coisa mais do que um título acadêmico ou um certo verniz de “cultura elevada”;

- *quarta*, que em determinadas questões extremamente gerais aprender a perguntar bem também é aprender a desconfiar das respostas demasiado taxativas. Filosofamos partindo do que sabemos para o que não sabemos, para o que parece que nunca poderemos saber totalmente; em muitas ocasiões filosofamos *contra* o que sabemos, ou melhor, repensando e questionando o que acreditávamos já saber. Então nunca podemos tirar nada a limpo? Sim, quando pelo menos conseguimos *orientar* melhor o alcance de nossas dúvidas ou de nossas convicções. Quanto ao mais, quem não for capaz de viver na incerteza fará bem em nunca se pôr a pensar.

Fernando Savater, *As perguntas da vida*. São Paulo, Martins Fontes, 2001, p. 209-210.

* Os títulos que aparecem entre colchetes nas leituras complementares ao longo do livro não constam da obra original.

⁷ *La sagesse des modernes*, de A. Comte-Sponville e L. Ferry; Laffont, Paris (citação do autor; observação: o livro citado foi traduzido pela Martins Fontes, *Sabedoria dos modernos: dez questões para o nosso tempo*, 1999).

● [O sentido]

Sentido é usado principalmente em três sentidos: como sensibilidade (o sentido do olfato), como direção (o sentido de um rio), como significação (o sentido de uma frase). Um sentido é o que você sente, segue ou persegue, enfim o que você compreende.

(...) Note-se que, nessas três acepções principais, especialmente nas duas que nos ocupam (como direção e como significado), o sentido supõe uma exterioridade, uma alteridade, digamos uma relação com outra coisa que não si mesmo. Pegar a autoestrada em direção a Paris é possível apenas para quem *não está* em Paris. E um signo só tem sentido na medida em que remete a outra coisa que não esse signo mesmo. Que palavra se significa a si mesma? Que ato se significa a si mesmo? Toda palavra significa outra coisa que não si mesma (uma ideia: seu significado; ou um objeto: seu referente). Todo ato significa outra coisa que não si mesmo (seu fim, consciente ou inconsciente, ou o desejo que o visa). Não há sentido que seja puramente intrínseco. (...) Foi o que Merleau-Ponty percebeu: “Em todas as acepções da palavra *sentido*, encontramos a mesma noção fundamental de um ser orientado ou polarizado para o que não é” [em *Fenomenologia da percepção*, III, 2]. (...) Ninguém se instala no sentido como numa poltrona. Ninguém o possui como um bibelô ou uma conta bancária. Nós o buscamos, perseguimos, perdemos, antecipamos... O sentido nunca está diante de nós, nunca está presente, nunca é dado. Ele não está onde estou, mas aonde vou; não é o que somos ou fazemos, mas o que queremos fazer ou que nos faz. Não há sentido, jamais, senão do outro.

(...) O sentido do que é, é o que já não é ou que ainda não é: o sentido do ser é o tempo. É o que justifica a bela fórmula de Claudel, em *L'art poétique*: “tempo é o sentido da vida (*sentido*: do mesmo modo que se fala do

sentido de um rio, do sentido de uma frase, do sentido de um tecido, do sentido do olfato)”. Mas é também porque o sentido, como o tempo, não cessa de fugir de nós, e tanto mais quanto mais o buscamos: o sentido do presente nunca está presente. Por isso o sentido, como o tempo, não cessa de nos separar de nós mesmos, do real, de tudo. (...) A busca do sentido é, por natureza, infinita. É o que nos condena à insatisfação: sempre buscando outra coisa, que seria o sentido, sempre buscando o sentido, que só pode ser outra coisa.

(...) O que significam nossos filhos? O que significa o mundo? O que significa a humanidade? O que significa a justiça? Não é por terem sentido que os amamos; é porque os amamos que nossa vida, para nós, adquire sentido. Uma ilusão? Não, pois que é verdade que amamos a tudo isso. Ilusão seria hipostasiar esse sentido, transformá-lo em absoluto, crer que ele existe fora de nós e da sua busca.

(...) O sentido não é para ser buscado, nem encontrado, como se já existisse em outro lugar, como se nos aguardasse. Não é um tesouro; é um trabalho. Não está todo pronto: tem de ser feito (mas sempre fazendo-se outra coisa), inventado, criado. É a função da arte. É a função do pensamento. É a função do amor.

(...) A vida tem um sentido? Nenhum que a preceda ou a justifique absolutamente. “Ela deve ser sua própria meta”, como diz Montaigne [em *Ensaaios*, III, 12, 1062]. Ela não é um enigma a resolver. Nem uma corrida a ganhar. Nem um sintoma a interpretar. É uma aventura, um risco, um combate — que vale a pena, se dele gostamos.

É o que temos de recordar a nossos filhos, antes que morram de tédio ou de violência.

Não é o sentido que é amável; é o amor que faz sentido.

André Comte-Sponville, *Dicionário filosófico*. São Paulo, Martins Fontes, 2003, p. 539-543.

Atividades

Questões gerais

1. Em que sentido o mito ainda faz parte da vida contemporânea? Identifique, na nossa cultura, o caráter mítico de fenômenos como o carnaval, o futebol, as comemorações (casamento, formatura etc.).
2. Explique as semelhanças e as diferenças existentes entre as seguintes abordagens do real:
 - a) ciência e filosofia;
 - b) senso comum e bom senso;
 - c) bom senso e filosofia.
3. Como se distingue o filósofo do indivíduo não especialista, capaz de desenvolver uma "filosofia de vida"?
4. Explique o significado da frase de Kant: "(...) não é possível aprender qualquer filosofia (...) só é possível aprender a filosofar".
5. O que significa dizer, com Vernant, que "a filosofia é filha da cidade"?
6. Justifique a importância da filosofia. Por que ela é tão desvalorizada nos tempos atuais?
7. Qual é a importância da filosofia para a pedagogia?
8. Explique a frase de Merleau-Ponty: "A verdadeira filosofia é reaprender a ver o mundo".
9. Tendo como base o dropes 2, responda às questões:
 - a) O que Rouanet quer dizer com "erotismo do pensar"?
 - b) Por que o fascismo é uma teoria vitalista e por que é reacionária?
 - c) Por que o uso da razão é justamente o contrário da negação da vida?
 - d) Partindo das conclusões de Rouanet, justifique a necessidade de uma filosofia da educação.

Questões sobre as leituras complementares

Considerando a leitura complementar 1, atenda às questões a seguir.

1. O texto selecionado enfatiza a incerteza humana, o que não significa, para o autor, admitir o ceticismo pelo qual nada podemos conhecer. Identifique esses dois aspectos e posicione-se pessoalmente a respeito.

2. O autor adverte para o risco de abordar a filosofia como recurso de erudição. Quando isso pode ocorrer?

3. Sob que aspectos o autor defende a importância do filosofar?

Com relação à leitura complementar 2, atenda às questões a seguir.

4. Por que a noção de *sentido* é fundamental na reflexão filosófica?

5. A partir do teor desse texto, podemos criticar as atitudes dogmáticas, com suas certezas inabaláveis e os fundamentalismos religiosos. Justifique.

6. Relacione com o texto a citação de Guimarães Rosa em *Grande sertão, veredas*: "Viver — não é? — é muito perigoso. Porque ainda não se sabe. Porque aprender-a-viver é que é viver, mesmo".